

Prefácio

Moacyr Scliar

A barbárie nazista fez-se sentir também, e com brutal intensidade, no campo da cultura. Obras de arte foram proibidas, livros foram queimados, muitos artistas e escritores tiveram de deixar a Alemanha às pressas, para escapar à prisão e à morte nos campos de concentração. Espalharam-se assim pelo mundo, indo para países que os acolhiam - o que, diga-se de passagem, não era a regra geral. A América, terra da liberdade, era um destino preferencial, sobretudo os Estados Unidos, mas também os países da América Latina. Para o Brasil vieram, entre outros, Stefan Zweig, Anatol Rosenfeld, Herbert Caro e Fritz Oliven. Stefan Zweig, radicado em Petrópolis, RJ, era centro de atenções, às quais retribuiu com sua obra *Brasil, país do futuro*. Anatol Rosenfeld, em São Paulo, e Herbert Caro, em Porto Alegre, também tinham um público razoável para sua incansável atividade cultural.

De Fritz Oliven, no entanto, falou-se pouco. Uma verdadeira lacuna, que agora está sendo preenchida com a publicação da autobiografia de Fritz Oliven, uma iniciativa de Michael Korfmann, professor do Setor de Alemão no Instituto de Letras/UFRGS que dedica para tanto este número dos *Cadernos de Tradução* do Instituto de Letras. Como eu disse acima, eram relativamente raras as pessoas que, neste país, sabiam de Fritz Oliven. Sou um destes privilegiados; casado com Judith, neta de Fritz Oliven, não cheguei a conhecê-lo - já havia falecido - mas muitas vezes delicieei-me com as histórias que, sobre o pai, contava meu sogro, Klaus Oliven. Que é também o autor de uma autobiografia, na qual a vida e a obra do pai, e suas historietas, desempenham papel importante. Lembrando que Fritz graduou-se em Direito, diz Klaus Oliven: "Abriu um escritório de advocacia, mas nunca exerceu a profissão (...). Contou-me certa vez, meio brincando que teve de defender um ladrão e assassino. O homem pegou prisão perpétua, o que deixou meu pai muito contente. Perguntei-lhe por que, e ele disse que, se a pena fosse curta, a primeira coisa que o condenado faria, ao sair da prisão, seria comprar um revólver e liquidar seu incompetente advogado." Sem conhecer alemão (o que é, reconheço, uma falha em meu currículo) não pude ler nenhuma das obras que ele, sob o pseudônimo de Rideamus,

publicou. Um pseudônimo bastante expressivo, aliás; é latim, e significa “Riamos”, ou “Vamos rir”.

Este amável convite ao bom humor foi característico de toda uma geração de escritores europeus, que via no riso e na sátira uma forma de denúncia. Estamos falando dos anos vinte, “anos dourados”, “anos loucos”, em que Berlim, cidade do escritor, tornou-se a capital da Europa. Neste contexto, a obra de Rideamus tinha um papel importante, um papel ainda hoje lembrado: nas viagens que fiz à Alemanha, muitas vezes vi seus livros em vitrines de livrarias. Numa época em que o “best-seller”, a renovação, é a regra, tal permanência é significativa. Trata-se de uma obra extensa e diversificada: poemas, libretos, obras teatrais. Fritz Oliven deixou uma família em que o talento é a regra (sou suspeito para afirmá-lo, para podem confiar na minha avaliação). Esta família, e os amigos, preservaram a lembrança de Fritz Oliven, que agora é partilhada com o público gaúcho e brasileiro. É uma lembrança importante, uma verdadeira herança cultural, da qual o Rio Grande do Sul, que tão generosamente acolheu Rideamus, pode se orgulhar.

Introdução

Prof. Dr. Michael Korfmann*

Tradução: Gina Brusamarello

O texto a seguir - no original intitulado Rideamus: Die Geschichte eines heiteren Lebens / von ihm selber - foi escrito no final dos anos 40, em Porto Alegre, e publicado em 1951 pela editora Füllhorn de Berlim, sendo posteriormente reeditado pela editora Goldmann como livro de bolso. Trata-se de uma “autobiografia” no espírito programático do escritor, Rideamus ou “Vamos rir”, em português. O livro apresenta um olhar sobre o passado e a vida do autor - cujo nome civil é Fritz Oliven - no qual elementos verídicos e ficcionais, momentos alegres e outros um pouco melancólicos se misturam. Como não era a intenção de Rideamus apresentar um depoimento fático, mas uma história marcada por um tom humano - humorístico, o leitor não encontrará indícios diretos referentes ao tempo histórico em que viveu: a ascensão do nacional-socialismo, a perseguição e o extermínio dos judeus ou a fuga da Alemanha; também não fala sobre o exílio em Porto Alegre, onde chegou em 1939 e onde faleceu em 1956. Em vez disso o leitor pode se deliciar com cenas domésticas e profissionais bastante inspiradas e engraçadas, dando assim uma idéia das convivências e formas sociais predominantes na vida do autor e da época. Certamente esta opção se origina da qualidade maior do humor: o riso resiste a ordem fática e se retira de seu abraço, como Jean Paul já havia notado em relação à filosofia: “O risível nunca se encaixa nas definições dos filósofos”. Além do mais é de admirar que Rideamus, depois de ter passado por todo o sofrimento resultante do hitlerismo, ainda consiga manter uma postura humana e compreensiva e a leveza que caracterizam as páginas aqui traduzidas pela primeira vez em português. Se a constatação de B. Brecht de que “nós, alemães, nos gabamos muito de nossa seriedade, achamos que a leviandade é o oposto da seriedade e que aquela precisa ser condenada” pudesse, talvez, aplicar-se à crítica especializada, o mesmo certamente não vale para o gosto do público, o qual fez de Rideamus, conforme Peter P. Pachl, professor do Instituto de Música da Universidade de Bochum/

* Professor do Instituto de Letras - UFRGS.